

CATEQUESE EM CASA

UMA EXPERIÊNCIA DE CATEQUESE PAROQUIAL DESCENTRALIZADA

*Equipe da Catequese
Paróquia da Trindade, Florianópolis*

A paróquia da Santíssima Trindade, no bairro desse nome, em Florianópolis, começou a viver uma nova experiência a partir de 1989 – a catequese em casa, nos vários setores da comunidade paroquial. Assim, através da catequese, nosso ponto de partida, iniciaram-se timidamente, mas com fé, nas ruas e condomínios, os primeiros passos de nova experiência comunitária.

Estava desencadeada a descentralização e desmassificação da Doutrina. E a catequese passa a acontecer no verdadeiro local da vivência cristã, nas casas de família, onde as experiências de Deus ocorrem no dia-a-dia do catequizando e se concretizam em atitudes de vida, e não somente no conhecimento informativo das verdades da fé. Ser cristão é sobretudo viver a experiência com Deus e com os irmãos, na vida de cada dia.

Dessa forma, a Catequese não se reduz apenas à preparação para a Primeira Comunhão, com as crianças, mas à perseverança, à Crisma, aos jovens e aos casais. Enfim, um processo permanente, e não preparar apenas para o Sacramento. Envolvem-se as crianças desde os 8 anos de idade, no prezinho, aos 9 anos na pré-catequese, aos 10 anos no primeiro ano de catequese, aos 11 anos faz a Primeira Eucaristia, aos 12 anos participa da perseverança, aos 13 anos da pré-crisma, aos 14 anos participará da Crisma e, depois, os jovens crismados terão continuidade com grupos de jovens nos próprios setores. Amplia-se também a catequese do adulto, comprometendo-se mais os pais como catequistas de seus filhos, e fazendo-se a preparação para o Batismo e o Matrimônio nos respectivos setores.

A catequese de Primeira Eucaristia tem um encontro por semana no setor, acontecendo na própria casa do catequista. O segundo encontro é aos sábados, na missa das crianças, seguindo o lazer comunitário.

A catequese de perseverança, da Crisma, de jovens e de adultos, acontece também uma vez por semana no setor, sendo o segundo encontro na Matriz, aos sábados à noite, na missa da Juventude. E cada setor tem o seu coordenador de catequese.

Preparação para o Batismo: Os encontros são feitos no setor, onde os pais e padrinhos moram. São trocas de idéias e de experiências, com um ou mais casais como coordenadores de Batismo naquele setor. Esta preparação mais individualizada está sendo de muita importância para descobrir novos valores e novas

lideranças, para fortalecer os laços afetivos e deslançar um compromisso maior com a vida da Igreja.

Preparação para o Matrimônio: De uma família bem constituída surge a felicidade dos filhos e resulta uma sociedade de lideranças sadias. Achamos que, nesse processo todo, a presença de Deus, através do sacramento do Matrimônio, ocupa um espaço dos mais importantes. Por isso, acompanhamos os que irão casar-se (os noivos) e os que ainda não são casados no religioso (legitimação), de uma maneira mais próxima, ou seja, individualmente, no setor onde residem. Com esse objetivo, nos setores da Paróquia existem casais que se propõem partilhar suas experiências e juntos refletir, para que tão importante decisão traga alegrias no futuro e não tristezas.

É ainda nosso objetivo ter *Ministros da Eucaristia* em cada setor paroquial, para que façam celebrações junto com as pequenas comunidades, e sejam também o elo de ligação entre Setor e Paróquia.

Caminhar juntos é nosso intento. Através da catequese que adentra as famílias, esperamos que cada cristão desperte para uma resposta ao apelo de Deus, assumindo sua própria missão evangelizadora. Nós, cristãos, não podemos esquecer-nos de que o ser humano, homem e mulher, é um ser essencialmente comunitário. Deve, portanto, viver em comunidade, evitando os excessos de isolamento, solidão, auto-suficiência...

É importante, para o próprio equilíbrio e crescimento de cada um de todos, que se reúnam nas ruas e condomínios onde moram, e juntos possam celebrar a alegria, rezar, dar graças, combater as raízes egoístas e consumistas da sociedade, neutralizar a violência, lutar pelos direitos humanos, preservar a unidade da família e tantas outras coisas mais que constroem um mundo melhor através da nossa fé cristã.

Todos somos convidados a participar. O pouco que cada um faz em favor do outro se propaga em bem-estar na comunidade.

*Endereço da equipe:
Paróquia da SSma. Trindade
Praça Santos Dumont, 10
cx postal 1467
88040-970 FLORIANÓPOLIS SC*

O CÉU, NOSSA CASA

*Pe. Vitor Gaudino Feller
Prof. de Teologia Sistemática
e Diretor do ITESC*

Introdução

A Campanha da Fraternidade de 1993 nos coloca diante do direito de todos à moradia. A prática desse direito é fundamental para a organização da vida social e, mais ainda, para a vida fraterna em Cristo. Junto com a preocupação pelo alimento, pela saúde, pelas vestimentas, Jesus de Nazaré manifestou sua

preocupação com a moradia para os necessitados (Mt 25,31-46). São todos bens materiais, necessidades do corpo. Na prática dessas obras corporais Jesus baseou a vida de fé, a condição para segui-lo e amá-lo e, enfim, o caminho para a última e definitiva morada, o céu. Só irá, portanto, para a morada eterna do céu aquele(a) que lutou para satisfazer estas necessidades dos irmãos aqui na terra. Este texto pretende, por isso, afirmar que

há uma ligação entre o desejo da morada eterna do céu e a luta pela moradia para todos na terra.

1. O céu, vida feliz com Deus

Antes de mais nada, é preciso que nos libertemos de algumas imagens que apresentam o céu em sua relação com o firmamento, com as alturas, com um paraíso de delícias. O céu é sem dúvida um lugar. Mas não um lugar que possa ser identificado com nossas medidas de espaço. Localizado para além das medidas espaço-temporais que usamos, o céu é sobretudo comunidade de vida onde todos são marcados por um estado de espírito, um jeito de viver que invade o coração e a mente, uma alegria contagiante que vem da visão pessoal e comunitária de Deus. Trata-se de um viver em Deus, com Deus e para Deus. Um deixar-se envolver na vida de comunhão perfeita com cada uma das três divinas Pessoas e com todos os seres humanos e todas as criaturas. Um deixar-se invadir pelo redemoinho e pela ciranda da comunhão trinitária. Um estado de vida em que cada um vive plenamente a sua realização, alcança sua máxima felicidade, sua identidade e integridade, não no fechamento sobre si – o que seria o inferno! –, mas exatamente na relação vertical com Deus uno e trino, na relação horizontal com a comunidade humana, a comunhão dos santos¹, e na relação livre com todas as criaturas, também elas “libertas da corrupção do pecado e da morte”² (Rm 8,19-22).

Criados pela vontade livre e soberana do Pai, somos voltados para o céu

Criados pela vontade livre e soberana do Pai, na imagem do Filho, pela força do Espírito Santo, somos voltados para o céu. Só o céu, só a visão de Deus, a vida em Deus e com Deus nos dará o sentido da vida. Nele teremos, como indivíduos e como coletividade, nossa mais perfeita realização e acabamento. Poder-se-ia assim dizer que o céu faz parte de nossa constituição humana. Sem o céu, seríamos desde já e para sempre marcados para a total infelicidade, condenados ao isolamento. Sem o céu, não valeria a pena viver, lutar pela promoção e defesa da vida, trabalhar pela sobrevivência e bem-estar, empenhar-se na edificação de uma sociedade mais humana e fraterna.

2. O céu, manifestação definitiva do Reino de Deus

A crença nas realidades escatológicas (céu, purgatório e inferno, juízo particular e final, ressurreição da carne, parusia e fim do mundo) não conta hoje, nos ambientes letrados, com muitos seguidores. Torna-se cada vez mais inútil para o homem moderno voltar sua mente para essas realidades que transcendem sua história. Mais problemática ainda é a crença naquilo que implica castigo e perda (purgatório, inferno, fim do mundo). Para muitos a crença nessas realidades últimas representa alienação. Nos ambientes populares, contudo, bem como nos novos movimentos religiosos voltados para os esoterismos modernos, há um retorno do interesse pelas perguntas sobre o além.

Diante desses questionamentos, a fé cristã tem um modo próprio de se expressar que vem sendo marcado pela busca constante de relacionar o anúncio sobre as verdades escatológicas com a valorização dos bens terrenos. O anúncio dessas verdades não leva à fuga do mundo, mas ao contrário apresenta motivações sérias e profundas, que tocam o próprio sentido da vida pessoal, comunitária e social. É este o evangelho, alegre e necessário, a ser proclamado com vigor para os homens de hoje.

Atualmente, usa-se muito, no âmbito da Igreja, em seus discursos proféticos e escatológicos, o termo “Reino de Deus”. Ele tem mais carga bíblica e histórica. Aproxima-nos mais da pregação do próprio Jesus, que subverteu a caminhada e o sentido da história. “Ele grita que o Reino chegou, do futuro, invadindo o presente... Coisa curiosa. Sempre pensamos que o tempo fosse um rio fluindo sem parar e nós, navegantes, indo do passado para o futuro. E agora se diz que do futuro, do não ainda, vem alguma coisa (...) Surge um novo tempo, não da história dos homens, mas da graça de Deus, do inesperado, do Mistério”³.

No Reino de Deus cabem portanto a terra e o céu, e até o inferno, embora isso pareça paradoxal

O Reino de Deus é omnicomprensivo. Ele abrange o mundo criado, visível e invisível, passado, presente e futuro, até mesmo nas contradições humano-históricas entre bondade e maldade. No entanto, nós não temos condições de entender essa omnicomprensividade. Só mesmo Deus, que é Unidade na Diversidade e é fonte da unidade e diversidade do mundo criado, poderá captar a plenitude do seu Reino. No seu amor tudo é compreensivo e no fogo de sua paixão estão resolvidas até mesmo as contradições impostas pelos homens. Deus tudo vê, porque é “tudo em todos” (1Cor 15,28). No Reino de Deus cabem portanto a terra e o céu, e até o inferno, embora isso pareça paradoxal, como adiante se verá. Assim, a fé e o empenho em favor do Reino tornam mais fácil o conhecimento e o entendimento das verdades últimas.

3. O céu, dom de Deus e tarefa humana

Na ótica do Reino de Deus, o mundo terrenal não será visto somente como um ensaio-prova para testar nossa capacidade de merecer o céu como fruto de nossos esforços. O céu não é merecimento nosso, porque é graça de Deus. A terra não é só espaço-tempo de prova e ensaio, porque é o lugar da criatividade humana. Com efeito, antes de anunciar que nós somos de Cristo e este é de Deus, a revelação nos diz: “Tudo é vosso!” (1Cor 3,21-23), e mais: “Foi do agrado do Pai dar-vos o Reino” (Lc 12,32). O mundo está aí a nosso dispor para o recriarmos segundo nossa liberdade e responsabilidade. O Reino nos foi dado para o administrarmos. A vida na terra não é prova, mas criação. Dom e graça de Deus, a vida é também tarefa humana.

Jesus mesmo, Deus na carne humana, nos apontou o caminho. Ele veio “para que todos tenham vida e a tenham em plenitude” (Jo 10,10). Cabe a nós não somente conservar a vida, mas defendê-la e promovê-la, buscando sua plenitude. Não há limite para a promoção da vida, para a criação do homem. Só o céu é o limite. Deus não nos pede um mínimo de realizações, um certo número de boas ações que nos garantiriam o céu. Ele nos pede o máximo! A vida é um caminho aberto para a plenitude! Daí ter sentido o discurso e mais ainda a práxis da edificação do Reino de Deus, com tudo o que isto implica: o empenho social e político pela defesa da vida em todas as suas etapas e ambientes, os movimentos pela justiça social, pela paz entre os povos, pela preservação ecológica, etc. Em tudo isso, impera bondosa a graça de Deus, o qual nos faz sermos como ele, livres e criadores. O que é de Deus é também nosso! Ele quer que seja conquista nossa aquilo que ele mesmo nos dá. Essa, e só essa, é a medida do seu amor! O céu é o limite e expressão de seu Reino. Por isso lhe pedimos: “E a nós que agora aqui estamos reunidos e somos povo santo e pecador, dai força para construirmos juntos o vosso Reino que também é nosso”⁴.

A vida celeste passa a ser a continuidade, embora descontinua, da vida na terra. O céu não é um estado de vida a ser usufruído só após a morte. Ele já pode e deve ser experimentado, ainda que como aperitivo e vislumbre, nas vicissitudes da história humana, na experiência da alegria e da paz entre irmãos, na luta pela vida.

A vida celeste passa a ser a continuidade, embora descontínua, da vida na terra

Também a experiência da vida de Igreja, sobretudo nas comunidades eclesiais de base, onde as relações são pessoais, marcadas pela afetividade e solidariedade, é uma antecipação do céu. Na celebração eucarística, tem-se o ápice dessa antecipação. A Igreja "representa simbolicamente a futura comunidade da nova humanidade no reino de Deus, assim como Jesus antecipou simbolicamente a futura comunidade de reino de Deus na celebração da ceia em companhia dos que haviam seguido a sua mensagem e o seu convite e o haviam acolhido"⁵. Experiência eclesial, celebração eucarística, solidariedade fraterna, são tudo antecipações do céu.

4. O inferno, criação da liberdade egoísta do homem

Não se pode falar do céu sem falar do inferno. Também o inferno, como se afirmou acima, pode ser melhor compreendido quando se crê e se vive o Reino de Deus. Ele faz parte, embora de modo paradoxal, do mistério da vida. Deus, que é Amor, criou o homem como ser livre. Chamado a viver a vida de Deus no céu, o ser humano não poderia contudo dela participar sem que passasse pelo processo da purificação de tudo o que não é abertura relacional para o amor, para a unidade na diversidade.

No céu não se entra às custas da própria liberdade

Esta purificação se dá na terra quando, no exercício da liberdade, amamos o irmão e nele vemos a imagem do Cristo encarnado e sofrido (Mt 25,40). Poderá dar-se também no purgatório, esse tempo limite, oportunidade última e amorosa de Deus, diante de cuja luz e misericórdia nos julgaremos a nós mesmos, na maior crise-crítica-acrisolamento que deveremos suportar. No céu não se entra às custas da própria liberdade, como resultado de coações de um Deus rival que se impõe ao homem. Nem às custas de intenso processo de purificação, a ser vivido na terra na prática legalista da lei. Nem às custas de um espiritualista e irresponsável ciclo de purificações a ser experimentado em contínuas reencarnações. No céu se entra pela criação da vida e pelo exercício responsável da liberdade.

Mas, exatamente neste chamado a criar e crescer, o ser humano prefere os isolamentos às relações, que são próprias do Reino de Deus, do Céu. Isso é o inferno: lugar, estado de espírito, jeito de viver (se isso é ainda viver!), em que tudo se acaba na solidão! Essa é a morte eterna. Sem relações, o ser humano cairá no atrofamento total de si, na não-realização, na morte.

Quando morremos para a vida na terra, deixamos o tempo e entramos na eternidade. Por isso, nossa última decisão se eterniza. Naquele momento, no julgamento particular de cada um, Deus entra no jogo com toda a sua misericórdia, ilumina com sua luz todos os instantes da nossa vida, queima no fogo de sua paixão todo nosso orgulho, e pergunta: "o que fizeste de tua

vida?"⁶. Nesse instante, que se caracteriza como ápice e fim de todo processo de purificação e expiação penal, bem como de amadurecimento, haverá lugar para "um certo coeficiente de sofrimento, presente já na própria consciência de imperfeição quando está acompanhada por um sincero desejo de aperfeiçoamento"⁷. Será o nosso purgatório, mais ou menos sofrido, dependendo da distância em que estivermos do amor misericordioso de Deus.

5. O inferno, respeito de Deus pela liberdade humana

É claro que será difícil que alguém faça a opção pelo inferno. Mas não é impossível. A possibilidade do inferno faz parte do dom da liberdade, em suma, do amor de Deus por nós. Paradoxalmente, o inferno é sinal do respeito que Deus tem pela nossa liberdade e responsabilidade. Quem ama deixa a pessoa amada livre, não a obriga ao amor. Um amor constrangido não é amor. "O amor, que é fundamento de toda ética cristã (cuja consecução significa, em último termo, céu), não é imaginável sem liberdade. Seria eu livre, se hoje já soubesse que já estão decididos os resultados de todas as minhas decisões, se me fosse dito que posso decidir-me como quiser — a favor ou contra o amor —, que de qualquer maneira ao final seria contado entre os que amaram?"⁸ Deus respeita a pessoa amada até o fim. Mesmo que alguém escolha definitivamente rejeitá-lo, Deus não se deixa vencer pela rejeição e continua a amar também os que no inferno se encontrarem. No entanto, plena e eternamente amados por Deus, estes são incapazes de corresponder a tão grande amor. Tão incapazes que prefeririam não ser amados.

O amor, que é fundamento de toda ética cristã, não é imaginável sem liberdade

Por mais egoísta que alguém tenha sido na vida, haverá ainda a oportunidade de tudo recuperar com o grito de socorro e a aceitação do abraço amoroso do Deus Trindade. Se, no entanto, acostumado ao orgulho, alguém optar por viver sem Deus, estará escolhendo o inferno. Não terá conseguido dar o último passo para a mais radical relação, que seria manifestada no ato de lançar-se sem medo nos braços da bondade de Deus. Quem tiver vivido sua vida na terra de maneira solitária e egoísta, incapaz de relações amorosas e fraternas, à maneira do rico que não soube repartir comida e casa com Lázaro (Lc 16,19-21), terá dificuldades para este passo. Quem tiver vivido preso à mesquinhez dos minimalismos e legalismos não entenderá, não aceitará a longanimidade e liberalidade do próprio Deus. Enfim, em relação ao nosso tema, quem não se tiver preocupado com a moradia para os desabrigados, ficará eternamente desalojado da eterna morada celestial, a única morada capaz de a todos acolher, uma vez que o céu é o coração do próprio Deus, uno e trino. As imagens bíblicas de fogo eterno, pranto e ranger de dentes, estariam indicando esta situação de solidão extrema onde dominam o egoísmo e o fechamento, a raiva e o desespero.

Deixar de pregar sobre o inferno é deixar de anunciar a verdade total sobre o amor soberano de Deus

Deixar de pregar sobre o inferno é, portanto, deixar de anunciar a verdade total sobre o amor soberano de Deus, sobre

a liberdade e a responsabilidade moral do homem. Não é necessário, contudo, que nossa pregação seja assustadora e ameaçadora como o foi em tempos passados. O que Deus quer é que "todos se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade" (1Tm 2,4). Mas, se alguém quiser ficar no meio do caminho, sem dar tudo de si, sem abrir-se ao máximo que a graça de Deus oferece e pede, será respeitado na sua liberdade.

6. O céu, negação e superação do inferno

As afirmações sobre o céu e o inferno precisam ser conservadas uma ao lado da outra. Ainda que seja difícil reconciliá-las entre si, na verdade, a partir de uma antropologia histórica e relacional, elas se incluem e se explicam mutuamente. Pois, sem a fé no céu, se destrói o homem como indivíduo, que na comunhão perfeita do céu é chamado à plena realização de si. Abandonando a crença no inferno, se destrói o homem como coletividade, chamado a comungar plenamente com a vida de Deus, pela superação do egoísmo que o levaria ao inferno.

Mas os dois dados da fé não estão em um mesmo nível. Nossa fé nos diz que o cristianismo não é uma doutrina de dois caminhos. A história não tem dois fins, mas um só: a salvação. Por isso, para superar o dualismo reinante em nossos meios, o inferno deveria ser melhor entendido não como oposição ao céu (se assim fosse, ele seria o fim de um caminho paralelo!), mas como decisão de não caminhar adiante, não dar o máximo de si, não abrir-se à relações últimas e definitivas, não querer — a exemplo do irmão mais velho — entrar em casa para a festa do Pai e dos irmãos convertidos (Lc 15,28). Uma decisão que leva à morte eterna!

Diante da verdade cristã sobre o inferno, o cristão afirmará com mais veemência o céu

Diante da verdade cristã sobre o inferno, o cristão afirmará com mais veemência o céu, que pela graça de Deus é superação eterna do poder do pecado, ingresso na casa do Pai, onde há moradia para todos (Jo 14,2). Pode-se dizer que o cristão crê no céu (na comunhão dos santos, na ressurreição da carne, na vida eterna). Mas não se pode dizer propriamente que ele crê no inferno. Ele sabe que o inferno não é obra de Deus, mas "criação do homem"⁹. A fé cristã é essencialmente esperança. Esperança que contudo se pronuncia diante do abismo do naufrágio. Falar do inferno significa: chamar a atenção sobre o abismo; mas não: fixar a atenção no abismo; e muito menos: afirmar que alguns certamente caíram nele¹⁰. Se existe na tradição viva da fé a prática das canonizações, pelas quais a Igreja declara oficialmente que muitos estão no céu, o oposto não acontece. É uma disparidade que dá o que pensar!

Concluindo:

Nossa reflexão veio nos conduzindo pelos caminhos das verdades bíblicas e teológicas sobre o céu e o inferno como expressões máximas e definitivas do amor de Deus e da liberdade do homem. Expressões que vão sendo definidas pelas opções favoráveis ou contrárias às lutas pela sobrevivência, pela promoção e defesa da vida, pela justiça social e pela paz universal. Expressões que podem ser vislumbradas na inserção ou na indiferença diante da luta do povo oprimido pelos bens necessários à vida: comida,

saúde, educação, segurança, moradia, fé em Deus, fraternidade, festa, lazer, uso da criação.

É missão dos pastores falar, sem cansar e sem cessar, sobre o céu

Deve-se afirmar, ao fim de tudo: para os que têm casa, a ida para o céu dependerá do posicionamento em favor da moradia terrena para os pobres desabrigados; para os que não têm casa, o céu não somente será a satisfação plena de um bem buscado, mas também utopia criadora de história, futuro despertador de energias no presente.

Os desabrigados poderão com razão reclamar e esperar: "queremos casa na terra, já temos casa no céu!" De fato, nas imagens do banquete, das bodas, do paraíso, da cidade nova, da Jerusalém futura, onde os pobres estão presentes, "confluem muitos motivos tradicionais de esperança: vida em abundância, *habitação segura em um lugar bonito*, justiça e paz, encontro dos povos, a presença de Deus que dá calor e luz, a conservação e consumação da própria história"¹¹.

É missão dos pastores falar, sem cansar e sem cessar, sobre o céu. Não para camuflar as aparências do mundo atual, nem para manter os pobres na alienação. Ao contrário, como jogo da utopia, a religião se constituirá em crítica ao jogo do poder. De fato, para os donos do poder, "o problema surge quando os visionários começam a invocar ausências, e os exilados, em segredo, plantam suas nostalgias, e os místicos tratam de trazer os céus à terra, e os derrotados se encaminham na direção do paraíso, e os corpos dos sacrificados se põem a derrubar as cidades dos homens para construir a cidade de Deus..."¹²

O anúncio do céu, na ótica do Reino pregado e realizado por Jesus, deveria ser a mais contundente denúncia à política habitacional marginalizadora e o mais perspicaz argumento para a conscientização e organização dos pobres na luta pela moradia.

NOTAS:

- (1) cf F. J. NOCKE, *Escatología*, Barcelona, Herder, 84, p. 174s
- (2) Oração Eucarística IV.
- (3) R. ALVES, *Variações sobre a vida e a morte*, São Paulo, Paulinas 82, p. 202
- (4) Oração Eucarística V.
- (5) W. PANNENBERG, "*Risurrezione di Gesù e futuro dell'uomo*" em R. SCHNACKENBURG, e W. PANNENBERG, *Pasqua e l'uomo nuovo*, Roma, Paoline 82, p. 61
- (6) J. M. BACH, *Que fizeste de tua vida? Reflexões sobre a morte*, Montenegro, Celimar, 91
- (7) J. L. RUIZ de la PEÑA, *La otra dimension. Escatología cristiana*, Madrid, co-ed. EAPSA-Mensajero-Sal Terrae-Razón y fe, 80, 327-343, aqui: 339
- (8) F. J. NOCKE, *Escatología*, 170
- (9) J. L. RUIZ de la PEÑA, *La otra dimension. Escatología cristiana*, 80, 267-288, aqui: 280
- (10) F. J. NOCKE, *Escatología*, 172
- (11) Idem, 174-186; aqui: 182; grifo nosso.
- (12) R. Alves, *Variações sobre a vida e a morte*, 191.

Endereço do autor:

a/c ITESC - cx postal 5041
88040-970 - FLORIANÓPOLIS - SC